

Reflexões sobre o Trabalho Informal e suas implicações no Âmbito do Lazer¹

Rosana Fernandes dos Santos²

Ricardo Ricci Uvinha³

Resumo

O presente trabalho apresenta implicações geradas pelo trabalho informal na sociedade contemporânea, verificando os possíveis reflexos nas vivências associadas ao campo do lazer e tempo livre. Enquanto procedimento metodológico optou-se por uma abordagem qualitativa, combinando os enfoques bibliográfico e de campo. O enfoque bibliográfico contou com a análise de categorias teóricas relacionadas em livros, periódicos científicos, anais de eventos, entre outros. Já no de campo, desenvolveu-se uma coleta de dados por meio de documentação direta, realizando entrevistas semi-estruturadas e tendo como amostragem os ambulantes que atuam na região da Rua Vinte Cinco de Março na cidade de São Paulo. As principais conclusões indicaram que os sujeitos entrevistados reconhecem a importância do lazer, apesar de poucos afirmarem ter tido a possibilidade de experienciá-lo de fato em suas vidas. Constatou-se ainda que, em boa parte da amostra, o lazer fica restrito ao ambiente doméstico e vivenciado por meio da mídia de massa, em especial a televisiva. Soma-se a isso um amplo leque de impedimentos ao desfrute do lazer no tempo livre, em termos de conteúdo e opções de acesso, sugerindo uma possível intervenção profissional que tenha como intento uma maior acessibilidade em tal esfera social.

Palavras-chave: Lazer. Trabalho Informal. Vida Cotidiana. Grupos Sociais.

¹ A referente pesquisa contou com fomento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq USP (2008-2009).

² Graduanda no Bacharelado em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da USP (CNPq/GIEL/USP).

³ Professor Livre-docente no Bacharelado em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da USP (CNPq/GIEL/USP).

Introdução

As relações de trabalho vêm sendo reformuladas em distintas conjunturas históricas e sociais, coerentes com toda uma complexa dinâmica social. A forma de organização capitalista incute num panorama de centralização do capital, promovendo condições desiguais de apropriação material, em que o desemprego surge como fato iminentemente associado a tal estrutura. Em face desse quadro, criam-se relações de trabalho não formais, como o subemprego e os bicos, que implicam numa economia permissiva à informalidade, desobrigando muitas vezes os empregadores ao pagamento dos direitos trabalhistas.

Entender o espaço de lazer, como um espaço social e democrático que preserve a cultura de seus atores sociais, e que deva ser assegurado como direito a todos os cidadãos, é uma questão de suma importância.

O objetivo geral na presente pesquisa foi explorar as implicações geradas pelo trabalho informal na sociedade contemporânea, bem como os possíveis reflexos que possam ser gerados nas vivências associadas ao lazer e ao tempo livre dos cidadãos.

Como objetivos específicos, buscou-se colher dados que aproximassem e orientassem sobre os processos que levaram esses indivíduos aos empregos informais e suas possíveis expectativas para alteração desse quadro hegemônico. Objetivou-se também conhecer as oportunidades de lazer para esse público, investigando quais as atividades de lazer desenvolvidas, as escolhas, impedimentos e anseios nessas vivências, seja dentro como fora do espaço doméstico.

A hipótese inicialmente estabelecida foi a de que, havendo a informalidade e conseqüente perda de direitos trabalhistas, o trabalhador não receberia pelo tempo de descanso frente a uma intensa jornada de trabalho. Tal fato corroboraria para um evidente desapego à jornada de quarenta e quatro horas semanais previstas na legislação nacional para o trabalho formal, contribuindo para impactar de forma significativa o tempo livre desses trabalhadores e influenciando decisivamente para o pleno usufruto do lazer.

Metodologia

Enquanto procedimento metodológico, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, conforme nos orienta Severino (2008). Essa abordagem é mais efetiva quando do estudo da natureza humana e suas interações sociais. A opção pela abordagem qualitativa justificou-se, como explicita Richardson (2008), por tratar de tentar entender a natureza de um fenômeno social. A coleta dos dados foi desenvolvida por meio de documentação direta.

A fundamentação bibliográfica permitiu embasamento teórico que, conforme nos orienta Lakatos e Marconi (2001), permite o contato direto com tudo aquilo que já foi produzido sobre o tema pesquisado, bem como oferece subsídios para solução de problemas já conhecidos e outros a pesquisar.

A opção pela pesquisa de campo permitiu a observação dos entrevistados em seu próprio ambiente, podendo assim relacionar suas vivências, respostas e o contexto em que se encontravam inseridos. Sobre a pesquisa de campo, Severino (2008) complementa que a coleta de dados é realizada nas condições originais em que o fenômeno se desenvolve.

Como técnica para a coleta de dados, desenvolveu-se uma entrevista semi-estruturada que permite um diálogo direto entre entrevistador e entrevistado (LAKATOS; MARCONI, 2001). A opção pela forma semi-estruturada foi fundamental, pois desse modo se permitiu ao entrevistado uma certa flexibilidade nas respostas, sem prescindir das categorias teóricas estabelecidas presentes em cada questão do roteiro estipulado (RICHARDSON, 2008).

As entrevistas foram realizadas no entorno das Ruas 25 de Março e Barão de Duprat, região central da Cidade de São Paulo, com trabalhadores em situação de informalidade, caracterizando situação de subemprego. A opção por essa região se deu pela destacada precariedade que impera na mesma no tocante às relações de trabalho, fato notoriamente conhecido inclusive no senso comum.

O período da pesquisa compreendeu a segunda quinzena de julho de 2008, mês de férias escolares e período de grande fluxo de pessoas de todos os bairros da cidade, bem como de todos os estados brasileiros.

A amostra foi formada por dois grupos totalizando vinte e três pessoas que atuavam como ambulantes nessa região. O primeiro grupo, de doze pessoas, foi entrevistado na madrugada. Esse grupo chega normalmente às quatro da manhã e realiza suas vendas até as

oito horas, seu maior público são outros ambulantes provenientes dos mais variados locais de São Paulo. O segundo grupo, de onze pessoas, foi entrevistado no período da manhã. Esse segundo grupo atua durante todo o dia e montam suas barracas a partir das oito ou nove horas da manhã, encerrando suas atividades às dezessete horas. Seu maior público são os visitantes da Rua 25 de Março.

Para efeitos de categorização da amostra, definiu-se que os entrevistados deveriam estar desempregados ou afastados da economia formal há seis meses ou mais⁴. As entrevistas foram gravadas, a fim de assegurar maior dinamismo e para permitir maior fidelidade na transposição das respostas para posterior discussão dos dados coletados.

Revisão de Literatura

1 Aspectos temporais associados ao trabalho e lazer

Desde há muito tempo as relações de lazer e trabalho vem suscitando controvérsias. Com a necessidade de se regular o ritmo da produção, a sociedade passa a controlar, especialmente após a Revolução Industrial, o tempo num ritmo cronometrado, numa lógica pautada pela linearidade. Nesse contexto, as jornadas de 16 horas dificultavam a plena vivência do lazer também pela restrição ao tempo para seu usufruto, fato esse constante na pauta das reivindicações que passam a nortear as lutas sociais por igualdade de direitos e jornadas de trabalho mais humanizadoras (UVINHA, 1996-a).

Padilha (2000) sugere que a produção divide não somente o tempo de trabalho. A vida do trabalhador também vai ser dividida em fragmentos uma vez que trabalho e lazer não se desenvolvem mais no mesmo território.

Tem-se, desse modo, o aparecimento de um tempo contraposto ao tempo de trabalho, que Dumazedier (2004) intitula de “tempo de não trabalho”, dividindo-se entre as obrigações sociais, políticas, religiosas, familiares e um tempo de lazer.

O tempo, na atualidade, é o resultado de um longo processo de condicionamento social. Sobre esse tempo, Werneck (2001) ressalta o aspecto da mercantilização, em que tanto

⁴ Esse tempo foi estabelecido em virtude de, nesse prazo, já ter se esgotado o tempo de cobertura do seguro desemprego (máximo de cinco meses).

o tempo de trabalho, como o tempo livre podem ser comercializados (com horas extras, negociação de férias, entre outros).

A evolução para uma sociedade predominantemente de serviços, afeta a concepção de lazer, a qual gravitaria em torno de três eixos: o tempo de não trabalho, o espaço da sua vivência e a atitude do indivíduo (BRAMANTE, 2001). É possível aproximar tal concepção com a argumentação de Bruhns (2001), que explicita ser o lazer uma expressão da cultura de uma sociedade, podendo representar valores conformistas ou de resistência à ordem social vigente.

Assim, enfatiza-se que as práticas de lazer são impactadas de forma relevante por fatores sociais, econômicos e culturais, influenciando decisivamente suas relações com o campo do trabalho e demais esferas da vida cotidiana.

2 A globalização da informalidade no trabalho e no lazer

A idéia de uma economia global traz-nos a internacionalização do capital, o que permite significativa mobilidade às grandes empresas na exploração da mão-de-obra. Suas subsidiárias são instaladas em países cujas relações trabalhistas e previdenciárias são menos rígidas e onerosas, permitindo maiores ganhos em razão dos menores salários e benefícios oferecidos.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que cerca de 50% da população economicamente ativa no mundo esteja desempregada (ORGANIZAÇÃO..., 2009). Como favorecer melhor distribuição de renda, melhores condições de vida e ainda assegurar relações mais humanas entre as diversas sociedades do mundo capitalista nesse perverso panorama?

O Instituto Brasileiro de geografia e Estatística (IBGE) divulgou a Pesquisa Mensal de Emprego em que, comparativamente a dezembro de 2008, constata-se uma elevação de 20,6% no número de desocupados⁵ nas seis regiões metropolitanas pesquisadas (BRASIL, 2009).

Os reflexos da Crise Econômica Mundial de 2008, gerada pela especulação no mercado imobiliário nos Estados Unidos, já se fazem sentir significativamente. As

⁵ Tal denominação se referia às pessoas que desenvolveram alguma ação no sentido de conseguir emprego nos trinta últimos dias que antecederam a referida pesquisa.

informações preliminares já davam conta de verificar que tal crise abalou a economia de uma forma global, alterando sobremaneira o desenvolvimento econômico-social dos mais variados contextos socioculturais ao redor do planeta. Como resultante desse conflituoso processo, a OIT estima aumento significativo no número de desempregados, trabalhadores pobres e trabalhadores com empregos vulneráveis pelo mundo (ORGANIZAÇÃO..., 2009).

Vale retomar a reflexão de Sader (2000), que argumenta ter o tempo livre duas vertentes: tempo liberado do trabalho e tempo livre liberado por falta de trabalho. Nesse âmbito, o advento da tecnologia faz surgir uma nova realidade social, postos são eliminados fazendo surgir um “novo tempo” de não-trabalho (PADILHA, 2000).

Os trabalhadores informais e desempregados vêm-se excluídos da dinâmica social que lhes permitiria dignidade, emancipação, vinculação com a sociedade de direitos e deveres e identidade social. Essa exclusão pode ser bastante perniciosa (SADER, 2000).

Para Dumazedier (2004), o espaço de lazer deverá ser um espaço social e democrático que respeite e preserve as culturas dos atores sociais. Esse espaço faz-se cada vez mais indispensável ao equilíbrio humano das cidades. Para o autor, duas questões apresentam-se fundamentais: a) o equilíbrio entre valores de engajamento profissional, político, social, espiritual com valores de consumo, conforto e lazer; b) os valores que se quer associar ao lazer, se consumistas e conformistas se pautados apenas pelo descanso e divertimento ou, para além disso, também o desenvolvimento pessoal e social.

Santos (2000) defende que o consumo dita as normas de quase todos os segmentos, inclusive as do lazer. Ocorrendo uma “coisificação” das relações, o lazer pode ser transformado num produto. O individualismo e a necessidade de status representam causa e consequência de um lazer industrializado, operado de forma massificada.

Vamos então tentar entender esse jogo, cientes do potencial da indústria de massa em apropriar-se do lazer para coisificá-lo, formatá-lo e oferecê-lo como objeto de consumo.

3 O elemento “consumo” no âmbito do lazer

Ao longo do tempo, o consumo associado ao lazer foi sofrendo alterações. Para a sociedade à época da Revolução Industrial, o consumo das classes dominantes era fator de ostentação, destaque e diferenciação das hierarquias. Neste contexto aparecem as festas,

jantares e viagens como elementos edificantes de um consumo ostentatório, ao que Veblen (1987) denominaria como “conspícuo”.

Atualmente, por meio dos processos de globalização, a indústria do entretenimento veicula o lazer como produto de venda e consumo rápido e de fácil entendimento. Para Santos (2000), a mídia impõe vontades e comportamentos, tendo na televisão seu principal agente como ameaça constante para manipular informações e levar uma realidade fantasiosa para os espectadores. A explosão da urbanização, em consonância com a expansão da sociedade de consumo, faz surgir uma acirrada luta interna do consumidor em detrimento do cidadão.

Nesse contexto globalizado e de expressivas desigualdades sociais, os impactos da chamada “Indústria Cultural” podem ser decisivos para moldar os vários setores ligados ao entretenimento. Marcelino (2007) lembra que o lazer não é acessível a todos, e portanto, é temerária a ausência de políticas públicas que possibilitem a democratização desse acesso, sob o risco de se permitir o lazer apenas àqueles que podem pagar pelos oferecimentos do mercado.

A indústria cultural tende a formatar o consumo no lazer, padronizando gostos e estimulando necessidades, em especial pelos meios de comunicação de massa como televisão, rádio, cinema, jornais e revistas (WERNECK; ISAYAMA, 2001).

No entanto, a despeito da poderosa ação dos aparelhos atrelados à Indústria Cultural, propagadores da concepção do lazer como fértil campo para o consumo, defende-se ser possível ao mesmo tempo identificar oportunidades dialéticas e contra hegemônicas de resistência a tal imposição. O lazer, vivenciado nas mais distintas situações da cultura popular, pode tornar-se elemento-chave para tal situação (UVINHA, 1996-b).

Resultados e Discussão dos Dados

As primeiras entrevistas com o grupo de ambulantes foram realizadas na “feirinha da madrugada” da região da Rua Vinte e Cinco de Março. Esse grupo de ambulantes é remanescente da “antiga feirinha”, que foi proibida de ser realizada na região desde julho de 2003 e na ocasião transferida para o bairro do Brás.

Desde então se tem relatos de constantes conflitos, em especial envolvendo ambulantes e a Guarda Civil Metropolitana (GCM) da cidade de São Paulo. Em julho de 2004, propôs-se um formato diferente para a feira e novos ambulantes tomaram os espaços

das ruas, sendo que tal grupo tem sido alvo de constantes pressões por parte da GCM. Esses ambulantes oferecem suas mercadorias em grandes sacos depositados no chão, atuando profissionalmente de maneira informal e em prontidão caso necessitem fugir do controle policial. Suas vendas são direcionadas ao atacado para outros ambulantes da grande São Paulo e também para grupos que chegam geralmente por ônibus, oriundos de várias regiões do Brasil.

O clima constante de conflitos e apreensão se apresentou como um significativo impedimento para a efetiva execução das entrevistas com os sujeitos selecionados para a amostra como inicialmente planejado. Algumas das entrevistas foram entremeadas por pausas, a fim de observar o “rapa”⁶. Em um desses momentos, uma das respondentes interrompeu a entrevista e saiu correndo com sua mercadoria. Mesmo diante dessa situação, foi possível realizar a entrevista com doze ambulantes, bem no início da manhã no período das cinco e meia até as sete horas. Esse grupo reunia seis homens e seis mulheres.

Em outro dia retornou-se à Rua Vinte e Cinco de Março para realizar o segundo bloco de entrevistas. A GCM fazia a sua ronda de rotina em meio a um fervilhar de ambulantes que ofereciam os mais diversos produtos, mas não se observava maiores conflitos. Sons, cores, odores e intensa movimentação compõem a paisagem dessa “Moderna Babel”. Nessa ocasião foi possível realizar as entrevistas com novos onze respondentes, sendo oito homens e três mulheres.

Da amostra total, a maioria era formada por homens, moradores da Zona Leste de São Paulo com escolaridade média situada no ensino médio, sendo que apenas 10% não foram alfabetizados. No grupo prevalece o trabalho informal, e constatou-se que a maioria trocaria o trabalho informal pelo formal se tivesse tal oportunidade.

Apresenta-se a seguir o relato de um dos sujeitos de pesquisa que permite visualizar a condição de vida de um ambulante, no tocante a direitos, deveres e elementos atrelados à cidadania. Entende-se ser um interessante exemplo, a partir da visão de um desses sujeitos, para tentar compreender sobre como a nossa sociedade lida com trabalhadores que atuam de maneira informal:

“Eu pago meus impostos, no momento em que eu entro no mercado eu pago impostos, porque eles falam que eu não pago impostos, porque eu não tenho uma carteira assinada, eu não tenho uma conta no banco, eu não tenho um emprego fixo

⁶ Expressão utilizada para se referenciar às batidas policiais que se realizavam constantemente no lócus da pesquisa.

[...] Eu me tenho como um cidadão de bem, mas chamam a gente de vagabundo [...] Exatamente, a gasolina que eles gastam aí, o salário deles, eu pago também [no momento passava uma viatura da GCM]. Então, eu sou um cidadão de bem, então isso que eu quero falar” (Respondente 2).

Durante tal entrevista, percebeu-se nesse e em outros momentos uma grande indignação e comoção do respondente, fruto do relato de alguém que provavelmente sentia-se excluído dos direitos humanos preconizados pela sociedade moderna. A falta de oportunidades torna-os descrentes sobre a possibilidade de retornarem à economia formal, resignando-os a fazer do subemprego um modo de vida.

Contatou-se a partir da intervenção em campo que um fator considerável na economia informal é o entendimento de tempo. A falta de direitos trabalhistas impossibilita tal grupo de uma distribuição de tempo mais equilibrada, com horários melhor planejados para acordar, trabalhar, fazer refeições, e ainda desfrutar de algum período de descanso. Em razão disso, muitos acabam fazendo jornadas de trabalho superiores àquelas estabelecidas em lei, avançando em horários de descanso ou usando o Domingo para um ganho adicional. Nenhum deles menciona a possibilidade de dias inteiros dedicados à ociosidade. O tempo é caro a todos, pois o tempo livre representa tempo de não trabalho, tempo sem receita.

Ao analisarmos as respostas dos entrevistados, foi verificada uma expressiva dificuldade em refletir sobre o lazer, em definir e identificar quais atividades diárias da vida cotidiana relacionavam-se de fato com tal esfera social. Em sua maioria reconhece-se que é o trabalho – e não o não-trabalho – a dimensão prioritária para sobrevivência e sustento da família.

Percebeu-se assim certo desconforto em se pensar no tempo livre das obrigações, pois esse poderia simbolizar uma perda de oportunidade para se conseguir mais dinheiro com a atividade trabalhista informal, a não ser quando esse pudesse se consubstanciar enquanto elemento repositivo para o próprio trabalho:

“[A atividade de lazer preferida] é dormir. Ah, sabe por quê? Pra esquecer os problemas. (Respondente 1)”.

Constatou-se que os respondentes homens mais jovens acenam com maiores possibilidades de usufruto do lazer, fato que não necessariamente ocorre também com as mulheres mais jovens, já que as últimas apontam a necessidade de auxílio à família, cuidado dos filhos e atividades do lar, elementos típicos de uma dupla jornada de trabalho.

Mesmo reconhecendo que a cidade de São Paulo oferece oportunidades de lazer gratuitas, verificou-se uma tendência dos respondentes em permanecer nas suas próprias

residências durante o escasso tempo residual das atividades trabalhistas informais. Nesse panorama, enquanto atividades de lazer geralmente realizadas, pouco se mencionou sobre visitas a parques públicos, idas a teatros ou à exposição de filmes, ainda que gratuitos. Apenas uma das entrevistadas mencionou o Parque Vila Lobos (público) como sua atividade preferida de lazer.

No entanto, é notável o apego aos aparelhos associados à mídia de massa. Assistir à televisão foi identificada como a principal atividade de lazer entre os sujeitos de pesquisa, ainda que para alguns tal hábito esteja presente também nos momentos da atividade trabalhista enquanto ambulantes. Muitos relatam assistir televisão em suas casas enquanto organizam e montam seus produtos de venda (as caixas e alguns dos produtos são montadas por eles).

Os dados obtidos com a pesquisa permitem uma reflexão sobre a possível intervenção no sentido de uma educação para o lazer, buscando auxiliar tal grupo na conscientização na importância de se vivenciar o lazer como dimensão humana também prioritária, para além da concepção funcionalista que lhe poderia ser atribuída. Uma atuação nesse sentido, realizada em conjunto com essa própria população e a partir da intervenção educativa de uma equipe multifacetada de profissionais apoiada por ações governamentais, poderia assegurar o acesso a uma maior variedade de conteúdos para além da mídia de massa. Poder-se-ia ter ainda como resultado dessa ação, uma postura mais crítica e criativa perante a atual sociedade globalizada, refletindo sobre um lazer para além do consumo visando o pleno exercício da cidadania.

Principais Conclusões

Na atual sociedade com características marcadamente globalizadas e com uma crise mundial instalada, as taxas de desemprego têm sido expressivas, facilitando o aparecimento de novas relações de trabalho realizadas de maneira não-formalizada por autônomos, ambulantes e aqueles em geral que vivem de bicos. Essas categorias estão à parte dos direitos trabalhistas conquistados ao longo de décadas e denotam típicos elementos de um subemprego. Refletir sobre a importância do lazer nesse âmbito se torna assim um grande desafio.

Toda sorte de impedimentos se manifestam para o pleno exercício de lazer para este público, em que barreiras econômicas e apego excessivo aos elementos da mídia de massa são constantes. Não obstante, se abre uma excelente oportunidade de intervenção com esse público, envolvendo profissionais ligados ao lazer e abrindo claras interfaces com políticas temáticas oriundas dos setores públicos, privados e terceiro setor.

Uma ação conjunta com os trabalhadores em situação informal pode auxiliar na transformação dessa realidade, utilizando o lazer como poderosa ferramenta de acesso aos bens culturais visando uma sociedade mais igualitária e menos suscetível às intempéries do perverso modo de produção capitalista atual.

Referências

BRAMANTE, A. C. Qualidade no gerenciamento do lazer. In BRUHNS, H. T. (Org.). Introdução aos estudos do lazer. 1 reimp. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2001. p.123-141.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28/03/09.

BRUHNS, H. T. Relações entre a educação e o lazer. 1 reimp. In: _____. (Org). Introdução aos estudos do lazer. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2001. p. 33-59.

DUMAZEDIER, J. Sociologia empírica do lazer. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia do trabalho científico. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCELLINO, N. C. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: _____. (Org.) Lazer e cultura. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 9-30.

ORGANIZAÇÃO Internacional do Trabalho. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br>>. 2009. Acesso em: 01/05/2009.

PADILHA, V. Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito. Campinas, SP: Alínea, 2000.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SADER, E. Trabalho, desemprego e tempo livre. In: LAZER numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p.191-200.

SANTOS, M. Lazer popular e geração de empregos. In: LAZER numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p.31-37.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 3 ed. 3 reimp. São Paulo: Cortez, 2008.

UVINHA, R. R. Juventude e lazer: reflexões no interior do pensamento de Sebastian de Grazia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1996, Belo Horizonte, MG. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, INDESP, 1996-a.

UVINHA, R. R. Corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo. Revista Movimento, Porto Alegre, RS: UFRGS, a. 3, n. 4, 1996-b.

VEBLEN, T. A Teoria da classe ociosa. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

WERNECK, C. L.G. Lazer e mercado: panorama atual e implicações na sociedade brasileira. In: WERNECK, C. L.G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Org.). Lazer e mercado. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 13 - 44.

WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. Lazer, cultura, Indústria Cultural e consumo. WERNECK, C. L.G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Org.). Lazer e mercado. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 45 - 49.